

Corpo e Trabalho

Tiago Quaresma Costa¹, André Malina², Ângela Celeste Barreto de Azevedo³

1. Mestrando do curso de Tecnologia para o Desenvolvimento Social - UFRJ; *tiago.quaresmac@gmail.com

2. Prof. Adjunto IV - UFRJ

3. Prof. Adjunto IV - UFRJ

Palavras Chave: *corpo, educação, ontologia*

Introdução

A partir dos anos de 1980 houve discussões em torno de uma redefinição dos rumos da educação física (EF) brasileira que perduram até os dias de hoje. Essas discussões tiveram como fundamentação teórica predominante os pressupostos científicos das ciências humanas com uma ressignificação do sentido da EF predominante, vinculada ao paradigma da aptidão física.

Nos anos de 1980 foram geradas diversas críticas ao modelo tecnicista da EF escolar brasileira, principalmente por esta assumir características advindas do modelo esportivo e militar que balizava a sociedade naquela época. Destaca-se, dentre outros, nessa época, a contribuição de Oliveira (1983) e Medina (1983) que tiveram um papel reflexivo importante de crítica a esse modelo tecnicista de EF que se propaga até os dias de hoje. A abordagem crítica se apropriou dos conhecimentos das ciências humanas para explicar a relação entre educação física e sociedade, tanto na esfera micro quanto macrossocial na abordagem crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Nesse processo de ressignificação da EF, cabem trabalhos sobre o corpo como objeto de estudo importante para a compreensão do sujeito que se movimenta. No presente trabalho questionamos: Como pode ser delineada uma concepção de corpo na relação com o trabalho e o lugar da EF nesse contexto?

Para tanto, foi realizada uma discussão bibliográfica sobre a questão da dicotomia do corpo em uma visão ontológica, embasada pela categoria trabalho.

Resultados e Discussão

Com os avanços do processo produtivo, as relações econômicas se modificaram. Na revolução industrial, o emprego das máquinas na indústria simbolizava o deslocamento da ciência da esfera potencialmente intelectual para a esfera potencialmente material. Esse novo contexto produtivo resulta em uma simplificação do trabalho, que antes era realizado pelo homem, e agora a máquina toma o seu lugar (SAVIANI, 2007).

A ruptura entre trabalho manual e intelectual se aprofunda, cabendo ao homem apenas o conhecimento sobre o funcionamento da máquina para o processo de produção. Portanto, o conhecimento do processo e do produto do seu trabalho se mostra desconexo e fragmentado, inviabilizando a noção do todo no processo de seu trabalho (SAVIANI, 2007).

A acentuação da dicotomia entre corpo e mente no período da revolução industrial acontece principalmente quando, no processo produtivo, há o emprego da máquina. A expropriação do conhecimento do trabalho pelo trabalhador resulta em uma fragmentação do seu próprio existir.

É importante salientar que a existência humana é definida exatamente pelo sua capacidade de realizar

trabalho. Em um sentido ontológico, a existência do homem só pode se materializar no mundo através da sua ação sobre ele. No processo de intervenção do homem sobre a natureza, é empregado por ele, esforços manuais e intelectuais com o intuito de transformá-la, ou seja, o homem é capaz de imprimir, no processo de transformação da natureza, todo o seu potencial orgânico em conformidade com objetivos planejados e definidos por ele mesmo. O homem, assim, diferencia-se do animal, pois coloca a natureza a seu serviço, transformando-a. Ao contrário do animal que deve se adaptar a ela (MARX, 2002). É nessa relação dialética do trabalho que o homem se humaniza, produz cultura. (SAVIANI, 1989).

Como diz Oliveira (2005), "No ato de transformar, transforma-se" (pág. 84). Nesse ato de transformar a natureza a seu favor, o homem teve como ferramenta primária seu próprio corpo, ou seja, a si mesmo.

Ao entender que a constituição da existência do homem é o trabalho e que é através do corpo que o trabalho produtivo pode ser realizado, a concepção de corpo na relação com o trabalho no modo de produção capitalista é uma concepção fragmentada. Nesse sentido, a fragmentação do corpo gera uma deturpação da verdadeira interpretação do homem concreto.

Na EF brasileira observa-se uma significativa produção de conhecimento crítica a esta visão fragmentada de corpo, especialmente a partir dos anos 1980. No entanto, esse tipo de pensamento dicotomizado ligado ao corpo ainda é bastante acentuado. Ao se acreditar que a EF é uma área de conhecimento atrelada apenas à dimensão física do corpo, acaba por limitar o seu potencial de intervenção.

Conclusões

No modo de produção capitalista, a relação do trabalho com o corpo leva a considerá-lo como algo desprovido de valor e a sua existência está ligada especialmente ao aspecto físico, ocupando uma posição de subalternidade diante do aspecto intelectual. Trata-se de uma ontologia da dicotomização entre corpo e mente.

Assim, a concepção de corpo da EF se torna alienada, e por isso também se faz alienante. É preciso superar visão ontológica dicotomizada de corpo, introduzindo uma visão orgânica de homem total.

Referências Bibliográficas

- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. Cortez Editora, 1992
- OLIVEIRA, Vitor Marinho de. *Consenso e conflito: Educação Física brasileira*. Shape, 2005.
- _____. *O que é Educação Física*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- MEDINA, João Paulo Subirá. *A Educação Física cuida do corpo e... mente*. Papirus: Campinas, 1983.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *In: Revista Brasileira de Educação* 12.34, 2007 p. 152-180.
- _____. *Sobre a concepção de politécnica*. Politécnico da Saúde Joaquim Venâncio, 1989.